Ano XVIII — Lisboa, Junho de 1962 — N.º 206

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

Galardoado com a «Lis de Prata» da Associação dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
LISBOA — 3
TELEFONES:
Red. 636607 — Admin. 638849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

«OS LUSÍADAS»

Na primeira travessia aérea do Atlântico Sul

POR LUÍS SIMÕES AURÉLIO

Duas datas memoráveis da História de Portugal se evocam no mês que ora passa. A da morte de Luís de Camões, o maior génio da língua portuguesa, em 10 de Junho de 1580, e a da conclusão da 1.ª Travessia Aérea do Atlântico Sul, em 17 de Junho de 1922, levada a efeito pelos arrojados aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral, ligando Lisboa ao Rio de Janeiro e utilizando métodos e instrumentos criados em Portugal para a navegação aérea.

Embora distanciadas por quase quatro séculos no tempo e no espaço, algo de extraordinàriamente grande e sublime entre elas existe, aproximando-as e irmanando-as numa simbólica evocação, o magnífico e antigo exemplar dos Lusíadas, edição de 1670, que acompanhou os heróicos aviadores na sua viagem de epopeia.

Coutinho e Cabral quiseram que o seu frágil hidrovião fosse o escrínio alado cujas asas nimbadas pela Cruz de Cristo das Caravelas de outrora levasse a terras do Brasil distante a mais rica jóia de Portugal e outra não encontraram que os Lusíadas.

Testemunha eloquente das horas de ansiedade e glória vividas pelos dois grandes portugueses no espaço imenso do céu azul do Atlântico, ao concluírem a sua travessia nele escreveram os bravos argonautas:

«Veio connosco de Lisboa ao Rio de Janeiro, nos hidroaviões Lusitânia, F 16 e F 17, voando 4500 milhas.
Rio 17 - VI - 1922
Artur de Sacadura Cabral
C. V. Gago Coutinho»

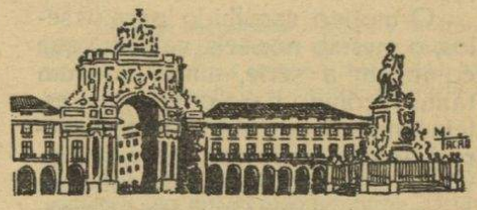
Ao fazer entrega desta preciosa relíquia no Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, em memorável sessão solene que então ali se efectuou, pronunciou Gago Coutinho o seguinte discurso:

«Era bem pequeno o nosso avião. Carregava pouco peso, todo ele de combustível para obtermos mais horas de voo. Queríamos contudo trazer-vos de Portugal alguma coisa, uma recordação da nossa viagem, que pudesse ser por vós todos igualmente apreciada, e que vos ficasse como testemunho de que foram homens da vossa raça, Portugueses e Brasileiros, os primeiros a aportarem pelo ar a esta formosa terra, como foram da vossa raça os primeiros que cá vieram por mar.

«Mas que trazermos? Os objectos de arte são pesados, não os podíamos carregar. As jóias são caras, não brilham nos museus, irritam os proletários. Murcham as flores, mesmo quando são de retórica. Viria contudo um objecto de arte, uma jóia, uma flor tão leve que não murchou ainda nos quatro séculos que já dura; cujo valor, ricos e proletários, bem conhecemos, porque a nós, Brasileiros e Portugueses, nos lembra a nossa comum origem e, como se fosse uma bíblia, nos instiga a honrar os homens grandes, de que ambos os povos descendemos.

«Esse objecto de arte, essa jóia, essa bíblia era o livro da bibliote-

Pág. 2 ——→



ESCOTISMO NA CAPITAL

O 7.º aniversário do Grupo N.º 8

O Grupo n.º 8, «Pedro Alvares Cabral», com sede na Rua Febo Moniz, n.º 17.º, comemorou o 7.º aniversário da sua fundação. No dia 1 houve uma reunião geral do grupo para evocar aquela data.

No Domingo, dia 6, às 11 horas, efectuou-se na Igreja Evangélica Lisbonense um culto de acção de graças, a que presidiu o Rev. Octávio Guedes Coelho, tendo o Rev. João Soares de Carvalho dirigido a mensagem aos Escoteiros. Tomando como tema o versículo dos Evangelhos «Importa que adoremos a Deus em Espírito e Verdade», o orador definiu o que era adoração e a forma como ela se processava. Referindo-se aos Escoteiros disse que eles fomentavam um verdadeiro espírito de adoração e que o serviço do próximo era uma maneira indirecta de adorar a Deus.

Estavam presentes escoteiros e o Chefe do Grupo 10, guias e a Chefe da 9.ª Companhia, o Escoteiro-Chefe-Geral adjunto sr. Albano da Silva, e o Chefe Ernesto Clímaco do Nascimento, da Região Centro.

Um almoço de confraternização

Nessa tarde, foi servido na sede do Grupo um almoço de confraternização entre os escoteiros do 10, amigos da unidade, e alguns amigos idosos. Estavam também presentes os Revs. José Soares de Carvalho e esposa; Carlos Augusto de Vasconcelos, antigo presidente do Grupo, e esposa; Octávio Guedes Coelho, presidente do Grupo, e esposa; chefes D. Júlia Ribeiro e D. Ilda Correia, das Guias de Portugal; José Relvas Pereira, do «10»; Idílio Gonçalves e João Constantino, do «8»; sr. Ladislau Pinheiro, da direcção deste grupo; e o Director do nosso jornal. O almoço foi servido pelas guias da 9.ª Companhia.

Festa Escotista

Depois do almoço, os escoteiros dos grupos 8 e 10 ofereceram um interessante programa de variedades, com números de música, pantominas e canções.

Antes de iniciar a parte recreativa, prestaram promessa como escoteiros os aspirantes Marcelino Costa e Armando dos Santos Reis, a quem o chefe do grupo dirigiu palavras de estímulo.

Pág. 2 ——→

FILATELIA

A propósito da primeira emissão de selos escoteiros portugueses

Embora a emissão comemorativa da XVIII Conferência Internacional do Escotismo em nada particularmente se lhe refira, está o Escotismo Nacional de parabéns com a saída da primeira série de selos do nosso País dedicada ao nosso Movimento.

O motivo escolhido para os selos, o mesmo nos seis valores que compõem a série, ainda que um tanto lacónico para quem não esteja familiarizado com o método genial de Baden Powell, tem a seu favor a beleza formal do desenho, da autoria do pintor Guilherme Camarinha, e a gama de cores escolhidas, sóbrias mas harmoniosas e bem conjugadas.

Foi pena que não se houvesse aproveitado um ensejo que tão cedo, decerto, não voltará a oferecer-se, para dar mais larga projecção a um tema riquíssimo, como é o do Escotismo, valorizando a série — o que poderia fazer-se sem lhe exceder os seis selos — pelo menos com mais três, dois ou um motivos, quanto mais não fosse a assinalar a existência em Portugal das duas associações escoteiras, uma delas perfazendo agora, justamente, meio século de existência, cuja prestabilidade já foi superiormente reconhecida e recompensada, e sem as quais decerto a XVIII Conferência Internacional do Escotismo se não teria realizado entre nós. Evidentemente que na filatelia temática escotista outras séries existem com um só desenho. Não são muitas, todavia, e cremos que uma apenas atinge e ultrapassa os 6 selos, o que melhor justifica o ponto de vista que manifestamos.

Ao fim e ao cabo, a nossa primeira série escotista, que o é, vai regozijar quantos sentem e amam o nosso Movimento e em especial os que, amando-o e sentindo-o por seus méritos inegáveis, dão à filatelia escoteira — nova faceta de um todo já de si valioso — alguns dos momentos que lhes sobejam.

J. M. PEREIRA

■

Cromo Filatélico

«Sempre Pronto» editou um interessante cromo filatélico comemorativo da 18.ª Conf.ª Internacional do Escotismo. Leva na primeira página o timbre da 18.ª Conferência e respectiva insígnia do Escotismo Mundial, com o carimbo especial dos correios de Primeiro Dia. No interior tem ao centro e em grande formato a fotografia do grupo de delegados à Conferência. À direita a insígnia associativa e à esquerda o sinal de saudação escoteiro.

Impresso em papel «couché», trata-se de uma interessante recordação da Conferência de valioso significado filatélico. O seu preço é de 4$00 e o produto da venda destina-se à edição de um cancioneiro escotista, compilado e organizado pelo ilustre Maestro António Gonçalves.

JAPÃO

Em 2 de Agosto próximo, em comemoração do Jamboree da Ásia, que será inaugurado naquele país nesse dia, os Correios japoneses emitirão um selo da taxa de 10 yen.

LÍBANO

Os Correios do Líbano emitiram uma série de selos dedicada ao Escotismo nas taxas de 1/2, 1, 2 1/2, 6, 10, 15, 20 e 25 P. Os oito selos que constituem esta série têm todos motivos diferentes e sugestivos, focando diversos aspectos de acção do Movimento.

Pág. 7 ——→

★ ● ★

O ESCOTISMO NA CAPITAL

←—— *Pág. 1*

A Patrulha «Falcão» recebeu o galhardete «Honra e Mérito» ganho num concurso brilhantemente disputado. À mesma patrulha e à «Tigre» foram também oferecidas artísticas bandeirolas.

O primeiro prémio individual daquele concurso, um bornal, foi conquistado pelo Guia da Falcão, Virgílio Algarve da Luz; o segundo, uma lanterna, pelo subguia da mesma patrulha, João Manuel Ramos; e o terceiro, outra lanterna, pelo Guia da Tigre, Orlando Pinheiro.

A esta festa assistiu o Chefe Regional adjunto sr. Mariano Garcia.

Na primeira travessia aérea do Atlântico Sul

←—— *Pág. 1*

ca de bordo do «Lusitânia», foi-o depois do «16», e também do «17»; ele próprio assistiu ao nosso sucesso final. É um pequeno volume, de uma edição mais de duas vezes secular, do tempo em que Portugal e Brasil formavam um todo, ligado decerto por laços físicos mais ténues do que os laços morais que ora nos unem.

«Essa recordação que vos trazemos de Portugal, esse nosso companheiro fiel, que connosco voou 4500 milhas, os nossos «Lusíadas», enfim, aqui vo-los entregamos!»

Quarenta anos volvidos sobre estas emocionantes palavras que, inspiradas nos Lusíadas, encerram uma admirável lição de profundo amor pátrio e de veneração a Camões, nestas duas datas que ora se recordam, uma do passado longínquo, outra ainda do presente mas entre si tão intimamente ligadas, prestemos a nossa humilde homenagem à memória dos três excelsos Portugueses, dignos dos seus maiores para quem o Poeta escreveu a estrofe em que nos canta:

. . . . . .
E aqueles que por obras valerosas
Se vão da lei da Morte libertando
. . . . . .

LUÍS SIMÕES AURÉLIO

Um interessante disco de Canções Escoteiras do Brasil

A indústria brasileira de discos acaba de editar um disco «ODEON», «L. P.», 33 1/3 R. P. M., contendo 14 canções escoteiras do Brasil, cantadas pelo TRIO IRAKITAN.

O título do disco é «Sempre Alerta», contendo na capa a letra das diversas canções e uma apresentação feita pelo sr. dr. João Ribeiro dos Santos, actual Escoteiro-Chefe do Brasil.

É, sem dúvida, um belo disco, que certamente poderá ainda vir a ser adquirido no nosso país e enriquecer, portanto, o reportório de canções dos nossos grupos.

• • o • •

Uma interessante actividade do C. N. E. na Região de Lisboa

A Região de Lisboa do Corpo Nacional de Escutas realizou no domingo, dia 27 de Maio, à tarde, uma curiosa actividade em que participaram muitos escoteiros daquela associação, e ainda o Grupo n.º 8 dos Escoteiros de Portugal. Tratava-se da I Gincana de Bicicletas e da já tradicional competição de pequenos carros sem motor, denominada V «Rally» da Primavera.

A primeira, constou de diversas provas ciclistas de destreza, e simultâneamente, provas de técnica escotista, nas quais os competidores se portaram com grande entusiasmo e habilidade.

A corrida de carros foi, no entanto, aquela que despertou mais interesse pelos aspectos inéditos e até humorísticos, e entusiasmo dos jovens escoteiros. Foi aqui que o Grupo 8 participou com um carro construído pela Patrulha Falcão. O grupo 10 tinha também preparado um carro, mas por dificuldades da última hora não pôde apresentar-se. Os carros, construídos pelos escoteiros, deslizavam pela alameda ocidental do Parque Eduardo VII e alguns conseguiram atingir boas velocidades, enquanto outros, chiando, deslizavam mais lentamente. O carro do grupo n.º 8, conduzido pelo Guia Virgílio Luz, corria razoàvelmente, mas a determinada altura sofreu uma avaria e foi desclassificado.

A actividade, presenciada por grande número de pessoas, foi superiormente dirigida pelo Chefe Regional sr. dr. Sousa Dias.

A TERTÚLIA DO CHEFE

O sistema de insígnias na formação escotista

PELO ENG.º JOSÉ MARIA NOBRE SANTOS
DIRECTOR DA ESCOLA CENTRAL DE CHEFES

O sistema de insígnias é um dos pontos básicos que caracterizam e em que assenta a metodologia escotista.

Pretende-se, com ele, dar ao rapaz maior número de conhecimentos através das provas que presta. A concessão duma *insígnia* corresponde à prestação dum certo número de provas que se traduzem na aquisição de maiores conhecimentos ou no adestramento das qualidades e possibilidades executivas do rapaz.

A exibição, no uniforme, das insígnias obtidas vai ao encontro da tendência natural do rapaz de querer destacar-se dos restantes, facto que pode e deve ser bem aproveitado e orientado.

O sistema de insígnias tem de adaptar-se aos diversos estados de desenvolvimento do rapaz. Por isso há provas diferentes para os diferentes escalões em que os escoteiros são divididos, de acordo com as suas idades: *Lobitos, Escoteiros e Caminheiros.*

Essa diferenciação é necessária porque:

— não pode exigir-se dum rapaz mais novo aquilo que só um mais velho estará em condições de satisfazer:
— não apresenta interesse, para um rapaz de mais idade, aquilo que ele já sabe ou o que fàcilmente poderá aprender ou fazer; o rapaz só se entusiasma pelo trabalho cuja dificuldade o dignifique e lhe dê a sensação íntima de estar mais senhor de si e de estar mais apto a realizar tarefas que dantes não se sentiria capaz de realizar quer para seu proveito, quer para serviço dos outros.

Que interesse teria um Escoteiro de 17 anos, ou um Caminheiro, em mostrar que tinha conseguido passar nas provas que um Lobito de 9 ou 10 anos também é capaz de satisfazer?

O mesmo se dirá, noutra escala, dos Caminheiros em relação aos Escoteiros ou mesmo dos Chefes em relação a qualquer dos escalões escotistas. As provas dos Caminheiros não poderão ser as mesmas que as dos Escoteiros.

Mesmo a maneira de entender e dar execução ao Compromisso e à Lei dos escoteiros, que se traduzirá, dum modo geral, na actuação e maneira de viver do rapaz ou do Chefe, terá de ser apreciada, pelo dirigente responsável pela concessão da insígnia, dentro do condicionamento que a idade impõe.

Em relação aos Chefes, não há dúvida que é necessário que eles conheçam as provas genéricas (classes escotistas) ou algumas das provas especializadas (insígnias de especialidades), isso para que possam apreciar os trabalhos e conhecimentos dos seus escoteiros. Contudo, tanto ou mais importante do que o conhecimento dessas provas, é necessário que o Chefe conheça como deverá organizar as actividades escotistas de modo que a educação e o desenvolvimento intelectual e físico do rapaz, a sua formação, em suma, sejam convenientemente atingidas, não só no que respeita à aplicação do sistema de insígnias, como em todos os outros pontos que constituem o método escotista.

Por isso, não se admite nem se poderia conceber que as insígnias destinadas aos Chefes, e que devem traduzir os seus conhecimentos ou capacidades e actuação na formação do rapaz, sejam as mesmas que a dos Escoteiros ou dos Caminheiros.

Deve destrinçar-se as duas séries de insígnias que se usam no Escotismo e que genèricamente são:

— as de carácter directivo, executivo ou administrativo (Guias de Patrulha, Secretários, Chefes, etc);
— as que correspondem aos conhecimentos ou aptidões adquiridas ou desenvolvidas (Provas de classe, Insígnias de Especialidade ou Cursos).

Para o bom desempenho das funções correspondentes às insígnias do 1.º grupo, poderão ser necessários alguns conhecimentos adquiridos na obtenção das insígnias do segundo tipo, mas o que mais interessa nelas é o espírito de direcção e capacidade de organização que são evidenciados pelos rapazes escoteiros, ou pelos homens, no caso dos Chefes.

Concretizando e resumindo, poderemos apresentar uma

Esquematização genérica do Sistema de Insígnias

Lobitos — Provas de classe (Patatenra, 1.ª Estrela e 2.ª Estrela) — Insígnias de especialidades.

Escoteiros — Provas de classe (3.ª classe ou Patatenra, 2.ª classe, 1.ª classe, Escoteiro da Pátria) — Insígnias de especialidade — que deverão ser diferenciadas para os dois tipos de Escoteiros: dos 12 aos 15 anos e dos 15 aos 18 anos. (1)

Caminheiros — Provas para: Pajem, Cavaleiro e Cavaleiro da Pátria. (1) — Especialização de Serviço. (1)

Chefes — Provas dos Cursos de Formação de Chefes, dentro do Esquema da Insígnia de Madeira — Cursos Preliminares para: 1. Chefes de Alcateias de Lobitos. 2. Chefes de Tribos de Escoteiros. 3. Chefes de Clã de Caminheiros.

Cursos gerais da Insígnia de Madeira com as 3 partes destinadas destrinçadamente para: 1. Chefes de Alcateia, Tribo ou Clã. 2. Cursos de especialização de Chefes em diversas técnicas ou matérias ou para o desempenho de diversos graus hierárquicos.

LEÃO DA SELVA

(1) Estas indicações, subdivisões e designações, embora seguidas nalgumas associações escotistas, ainda não estão oficialmente adoptadas na A. E. P.

Dos amigos do "Sempre Pronto"

Casamento — Na igreja paroquial de San Martin de Goya, em Vigo, realizou-se em 25 de Março passado, o enlace matrimonial da sr.ª D. Lolita Delgado, gentil filha do nosso dedicado amigo e irmão escoteiro sr. José Delgado. Desejamos-lhe e ao noivo muitas felicidades.

Doentes: Em Maio passado, foi submetida a uma operação cirúrgica a Sr.ª D. Violeta Hall de Figueiredo, esposa do sr. dr. Leopoldo de Figueiredo.

Igualmente no mesmo mês a sr.ª D. Rosa Oliva Martins, esposa do sr. Humberto Martins, sofreu uma intervenção cirúrgica.

Anteriormente, tinha sido igualmente operada uma filha do sr. Alfredo Jorge Gallis.

Todas se encontram felizmente em franca convalescença, motivo por que felicitamos os nossos bons amigos e dedicados assinantes, desejando o completo restabelecimento das doentes.

● Também o nosso estimado amigo e assinante Sr. Armando Jaime Soares foi submetido a uma intervenção cirúrgica, encontrando-se já felizmente em convalescença.

● O nosso dedicado assinante e Chefe-Regional do Centro, sr. Eduardo Quintino Pinheiro, tem estado bastante doente e internado no Hospital do Rego. Apesar da gravidade do seu estado, tem conquistado boas melhoras. Desejamos-lhe um pronto restabelecimento.

Nascimento — O lar dos nossos dedicados colaboradores Sr.ª D. Mariana Saragoça Ribeiro e E. C. José Eduardo Pena Ribeiro, foi alegrado, com a chegada da sua primeira filha, em 1 do corrente. À Isabel Maria desejamos as maiores felicidades.

UM CHEFE ESCOTEIRO... SEM FARDA

Dizem que há falta de chefes escoteiros. A falta é realmente maior ainda do que se imagina. Porque chefe escoteiro não é evidentemente aquele que foi investido dessa missão, envergou a farda, e procura realizar actividades técnicas ou de mera propaganda com vista a exibir o seu nome, a sua competência, o seu extraordinário espírito de iniciativa.

Para se ser chefe escoteiro é indispensável um amor constante pela criança, pelo adolescente; um verdadeiro apostolado pela educação. É necessário fazer obra de formação de caracteres. Mas há escoteiros-chefes. Leitão de Barros, nos Corvos, *que «Diário de Notícias» publica aos domingos, revelou-nos um autêntico escoteiro-chefe, amigo dedicado dos novos, que sem publicidade, discretamente, realiza uma extraordinária obra de educação estética, que não pode deixar de contribuir para uma educação integral. Mas ouçamos Leitão de Barros:*

Há uma obra que, há cinco anos, sem que ninguém saiba, ostenta, ingènuamente, nesta cidade um nome pomposo e feio: «Centro, Artístico e Educativo Infantil». Não tem estatutos, nem sede, nem regulamentos oficiais. As suas assembleias gerais são quando há sol. A sua «sede» é nas sobranceiras ruínas do Castelo de S. Jorge. Ali há uma espécie de monge ou ermitão de arte — o pintor Hermano Baptista — que mora às Cruzes da Sé e nasceu no sopé da colina. É uma personagem rara, que parece viver entre duas orações. Um «tipo inesquecível», como dizem as «Selecções».

Esse pintor (com talento) gasta duas ou três horas por dia, rodeado de miúdos de Alfama — com estiradores que um artista lhe deu, com uma tosca mesa que ele próprio fez —, miúdos que desenham, pintam, se entretêm diante do mistério das cores, dos lápis e do papel ordinário — o que ele pode comprar com os seus magros tostões.

É uma obra minúscula, feita de migalhas, mas luminosamente grande. Que me desculpe Baptista que fale dele — faltando à palavra que lhe dei de não citar o seu nome: «Não queime com propaganda pessoal uma obra que a não quer nem a aceita. Por amor de Deus e dos pequenos agradeço tudo — mas nada peço nem quero para mim. E muito menos elogios. Este pequeno Centro Artístico contenta-se com o prémio que é o sorriso desses garotos, a vivacidade dos seus olhos, o encanto das suas expressões quando desenham e pintam, livres, à vontade, nestes relvados feitos para se verem, quando me parece que deviam existir para neles se viver; onde passeiam pavões e pombos — com a liberdade com que era talvez preferível que passeassem crianças».

* * *

«Tenho um sonho: arranjar para o Inverno um barracão coberto. Este Centro foi planeado do nada, sem casa, sem dinheiro, sem regulamento, sem licença. Tenho sido tudo ali: fabricante de tintas, moço de fretes, carpinteiro, carteiro e até director artístico!»

«Penso que o Centro Infantil foi, em Lisboa, a primeira iniciativa particular de «educação pela arte». A primeira em Portugal julgo ter sido a do prof. Luís Correia, na Póvoa de Varzim... Devo já a atenção de alguns que compreendem esta obra ambiciosa e modesta».

* * *

Este Mestre sem concurso faz uma obra talvez sem par. É que ele aconselha os rudimentos da pintura — mas ensina também a serem correctas, educadas, respeitosas, aquelas estatuetas de palmo e meio. Tudo mora para ali, nos becos, em S. Vicente, nas Escolas Gerais, na Adriça, na Sé. E são aos bandos os que queriam desenhar, pintar bonecos, «reparar no feitio das coisas», copiar flores, fazer o retrato do cão...

— Então porque não estás a desenhar?

— Estou a pensar... queria fazer um autocarro, mas de dentro para fora e de fora para dentro, ao mesmo tempo...

— O que é essa gente toda escura?

— É à noite... quando vieram ali à Sé rezar por essa coisa de Goa. Esta é a minha avó de joelhos, por causa do meu irmão que lá estava...

Hermano Baptista e o cónego Manuel Luís — que carinhosamente acolheu a ideia deste pintor pobre e nela confiou — merecem pequeninas contribuições mensais, dez ou cinco escudos ou ainda menos (e estes «Corvos» as agradeceriam por eles).

Aqui está verdadeiro Escotismo, até ao ar livre! Estamos a ver Hermano Baptista — se lhe fosse possível — a levar aquele grupo de escoteiros *para o campo e a proporcionar mais larga visão para os seus desenhos. Esta é uma obra que merece a simpatia e apoio dos antigos escoteiros. E Hermano Baptista a insígnia de Escoteiro-Chefe!*

ANTIGOS ESCOTEIROS

Acampamento de Amizade

Por iniciativa de uma comissão de antigos escoteiros e de cooperação com a Fraternal, vai realizar-se nos dias 7 e 8 de Julho próximo um acampamento de antigos escoteiros e suas famílias no Campo Permanente dos Escoteiros de Portugal na Costa de Caparica. Todos os interessados devem fazer a sua inscrição na Fraternal dos Antigos Escoteiros.

• • o • •

O SR. DR. JOÃO RIBEIRO DOS SANTOS é o novo Escoteiro-Chefe do Brasil

Eleito pelo Conselho Nacional da União dos Escoteiros do Brasil, tomou posse em 30 de Abril passado do importante cargo de Escoteiro-chefe do Brasil (que corresponde ao nosso escoteiro-chefe-geral) o nosso ilustre amigo sr. dr. João Ribeiro dos Santos, dirigente de muito prestígio, que representou o Brasil na Conferência Internacional de Escotismo efectuada em Lisboa em Setembro passado.

O dr. Ribeiro dos Santos, que tem muitos amigos em Portugal, ocupou, sempre com proficiência, diversos cargos na U. E. B., dos quais destaremos: Comissário Nacional de Lobitos, de Caminheiros, e comissário Nacional de Adestramento. Tem também tomado parte em diversas conferências internacionais.

Na vida privada, o dr. Ribeiro dos Santos é medico distinto, secretário do departamento de Educação complementar da Secretaria de Educação do Estado de Guanabara, e especialista de educação física de Colégios do Rio de Janeiro.

«Sempre Pronto» felicita o novo Escoteiro-Chefe do Brasil, formulando votos de novos progressos ao Escotismo na Nação Irmã sob a égide do seu novo Chefe.

★ ● ★

CURSOS DE CHEFES

Cursos de Explanação da Insígnia de Madeira

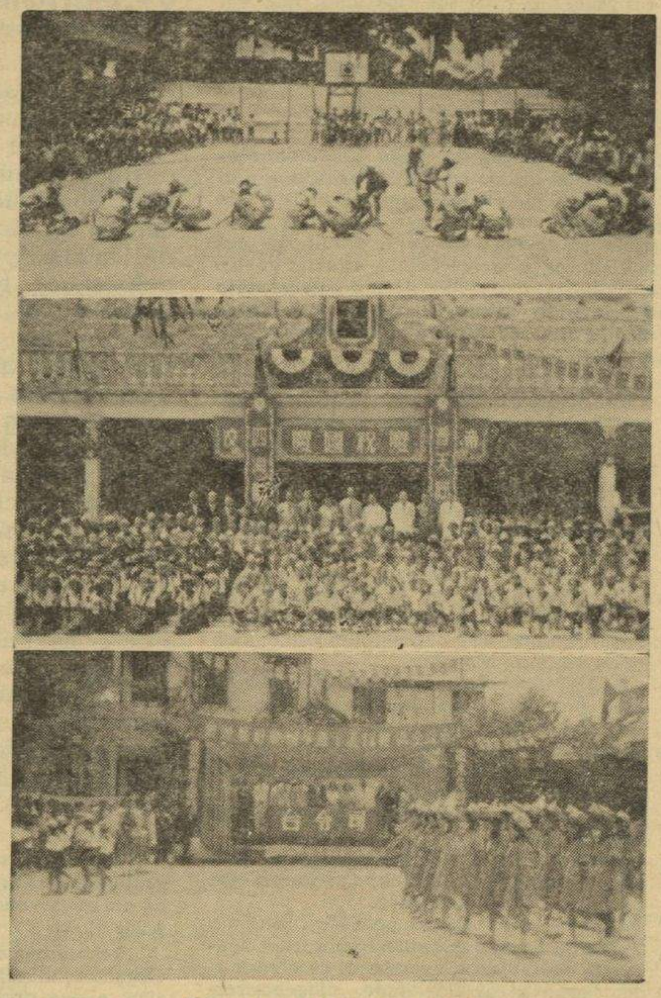
Prosseguindo na actividade a favor da formação e orientação de dirigentes escoteiros, o Director da Escola Central de Chefes, Eng.º José Maria Nobre Santos, coadjuvado pelo E. C. Pena Ribeiro, tem percorrido as sedes dos Grupos de Escoteiros proferindo palestras e realizando colóquios sobre os métodos e acção educativa escoteira.

Visitou assim já os grupos n.ºs. 2, 5, 7, 8, 10, 79 e 94. Em 10 de Maio passado, o Eng.º Nobre Santos esteve em Olhão, tendo realizado uma sessão na sede do Grupo n.º 6, em que participaram dirigentes e caminheiros não só daquele grupo, mas também do 60 de Vila Real de Santo António e 77 de Faro. Foram projectados filmes e diapositivos.

As actividades prosseguem, devendo ser visitado brevemente o Grupo n.º 13.

CARTA DE TIMOR

Assisti, há dias, em Díli, onde me encontrava no gozo de férias, às comemorações do 50.º aniversário da República Chinesa. Portugal está algum tanto ligado a tal acontecimento da história daquele imenso país, pois o fundador do regime republicano foi o Dr. Sun Iat Sen, médico em Macau, cidade onde há relativamente poucos anos faleceu a sua viúva. E não será arrojado supor que a proclamação da República em Portugal, em 1910, dedeverá ter influenciado o Dr. Sun Iat Sen para banir o decrépito regime monárquico que oprimia a sua Pátria.



Três aspectos das comemorações

Mas não foi para lhes falar no Dr. Sun Iat Sen, aliás figura muito interessante da história chinesa, que lhes venho roubar tempo, mas para relatar, em ligeiras notas de reportagem, um dos números do festival — a exibição de mais de duzentos alunos do Colégio-Liceu Chinês de Díli.

Ora, e aqui reside o possível interesse desta crónica, os alunos desse estabelecimento de ensino são escoteiros. Sim, meus fiéis leitores, são escoteiros.

Pois no dia 10 de Outubro, no campo de jogos do Colégio Chinês, compareceram o Governador de Timor, o Chefe dos Serviços de Instrução, os Cônsules da China e da Austrália e outras entidades. Dirigidos por D. Teresa Ho Ching Hoo, diplomada em Escotismo, os rapazes e raparigas fizeram uma maravilhosa exibição.

O festival começou pelo desfile. À frente, rapazes, vestindo capas cor-de-rosa, tocavam tambores e pratos. Outros empunhavam as bandeiras nacionais de Portugal e da China e a do Escotismo — uma flor-de-lis branca, sobre fundo azul. Estes bem como os que se lhe seguiam, iam fardados de caqui amarelo. As raparigas vestiam blusa e saia de caqui da mesma cor. Depois desfilavam as raparigas mais pequenas, de saia azul com suspensórios da mesma cor. Encerravam o cortejo os rapazes mais pequenos, fardados de camisa branca e calção azul. O lenço de todos era bipartido de azul e branco, os bivaques de caqui, e as meias e sapatos brancos. Nos braços, junto ao ombro, a bandeira da China. Iam formados em patrulhas, empunhando bandeirolas brancas com os perfis dos animais em vermelho.

Os rapazes e raparigas chineses executaram todas as evoluções, com perfeito à vontade, comandados pelo apito tocado pela instrutora. Esta apresentava-se fardada, com casaco, saia e bivaque de caqui.

O programa constou de exercícios de ginástica. Seguiu-se um número de homógrafo, utilizando bandeiras, que trasmitiram a seguinte mensagem: VIVA A NAÇÃO CHINESA! VIVAM PORTUGAL E A CHINA!

Depois, os escoteiros executaram exercícios de pronto-socorro, utilizando varas e artigos do uniforme; evoluções, desenhando no campo o carácter chinês indicativo do dia 10 de Outubro, e ginástica com batimento de palmas. Depois, um número que causou grande hilaridade na assistência: imitação do andar de animais: pato, ganso, macaco, caranguejo, elefante, foca, centopeia, etc.

O festival terminou por um novo desfile em que todos, rapazes e meninas, empunhando bandeiras chinesas, deram vivas, atirando ao ar os bivaques.

Escusado será dizer que todos os números foram calorosamente aplaudidos pelos convidados e por muitas centenas de chinas que se deslocaram a Díli de diversos pontos da Província, pois em todo o Timor existem milhares de indivíduos daquela nacionalidade.

Quando a mim, já com cabelos brancos, foi com os olhos um tanto embaciados que assisti a um festival de escoteiros. É que ao vê-los, aprumados, fazendo correctamente a saudação escotista, recordei tempos que não voltam mais...

MANUEL FERREIRA

Morreu o Chefe Moreira — Estamos de luto

Quem somos nós, que é a vida e a morte?

Nós somos uma alma com um criado obediente: o corpo humano.

A vida é uma curta viagem com término na morte. Depois a alma navega.

Finalmente, a morte é o castigo ou a glória do Humano.

Hoje um, amanhã outro, todos acabamos e nunca a nossa obra ficará completa, os nossos sonhos jamais ficarão realizados.

Ao findar o passado mês de Abril, terminou para um escoteiro a sua viagem na vida. É triste, quase inacreditável, mas é a realidade: Faleceu o Chefe Moreira do grupo 44.

Hoje, quero prestar a minha homenagem a esse meu amigo, que procurou sempre cumprir um dos conselhos de B. P. — — «Procura deixar o Mundo um pouco melhor do que o encontraste» — E com ele, foi uma actividade regional.

Oh! Como vamos sentir a sua falta, das suas ordens à frente dum desfile regional! Quanto valor a menos conta o escotismo nacional.

Jamais o teremos no «Fogo do Conselho». Jamais nos contará os feitos escotistas do passado.

E o 44? O seu querido 44 como reagirá? Tristeza, solidão luto e cobrirão todos os seus elementos. Contudo, sei que o tempo lhe curará essa grande ferida, e de novo, estou certo, altivos e Sempre Prontos desejarão prosseguir o caminho traçado por aquele que, incansàvelmente, uma vida dedicou ao escotismo, e aos seus rapazes.

É certo que se no Norte, a A. E. P. conta escoteiros de valor, este estava entre os primeiros, senão o primeiro.

Foi ele quem ouviu a minha Promessa, foi ele quem, em nome da nossa Associação, me considerou escoteiro, e foi ele quem me aconselhou a rota a seguir.

Jamais poderei esquecer o seu nome. Aos novos, apresentá-lo-ei como exemplo, e com os velhos o relembrarei com saudade.

MANUEL VÍTOR DUARTE DA ROCHA
Corça Vermelha — Grupo n.º 91

O Cinquentenário do Escotismo em Portugal

Culto de Acção de Graças

Os grupos de escoteiros anexos às igrejas evangélicas são, sem dúvida, os herdeiros das tradições do velho Grupo Um. Anima-os o mesmo espírito e inspiram-se na mesma orientação. Procuram educar sem forçar os rapazes a seguir determinada orientação religiosa, embora a promessa escoteira seja interpretada em pensamento cristão. Os grupos evangélicos de Lisboa quiseram por isso associar-se de maneira particular às comemorações do Jubileu e promoveram um culto de acção de graças, que se realizou no templo evangélico na rua Febo Moniz, na terça-feira, dia 10 de Abril, ou seja um dia depois da sessão solene e da data do aniversário.

O templo encontrava-se repleto, viam-se muitos antigos escoteiros e representantes de organismos escoteiros, bem como membros dos grupos promotores do acto religioso e das Guias de Portugal das 2.ª, 6.ª e 9.ª companhias.

Após as orações invocatórias e hinos de louvor, o Rev. Eduardo Moreira, pioneiro do Primeiro Grupo, fez uma evocação histórica do Escotismo e declarou que faria algumas considerações baseando-se na «Petite Histoire» do Escotismo. A História é feita por documentos escritos, mas a pequena história é feita de exemplos, da anedótica, da vida dos homens que consta nas tradições, nos mitos, e disse:

«Baden-Powell, em 1867, serve na Índia, no Afeganistão e na África do Sul no 13.º regimento de Hussares. É um britânico: Sabe o valor do «Eu», que os ingleses escrevem sempre com «I» maiúsculo. É um soldado: Sabe o valor da disciplina. Vinte anos depois é chefe do Estado Maior na Campanha da Matabelândia. A despeito de ser um instrumento do imperialismo inglês, é um Cristão tolerante e descobre no seu coração o amor pela juventude. Vai amadurecendo no seu espírito a simbiose da utilização patriótica dos rapazes e da formação pessoal de cada um deles. Não é um espartano. Cada rapaz é um carácter em formação, num temperamento inquieto. Um Pestalozzi é o génio da liberdade, ele sê-lo-á da disciplina, mas da disciplina voluntária, que se exerce como quem brinca.

«No Oriente tem mil oportunidades de amar a Natureza; esta lhe fornece o ambiente necessário. Na caserna, fora do Lar, há necessidades, às centenas, de praticar a auto-suficiência; esta lhe ensina a técnica em esboço, no *quanto satis* de cada dia.

«Vai pensando e experimentando. Até que em 1908 surge a organização dos *Boy Scouts*. Tinha decorrido mais de uma dúzia de anos. Fora lenta a incubação, mas que rápida a eclosão se deu! Espalha-se pelo mundo o Escotismo, e até na província longínqua de Macau, um oficial português, Álvaro de Melo Machado, no verdor dos anos, secretário do Governo, reúne três anos depois uma porção de rapazes para a prática nova, que os povos iam compreendendo, e que eu peço licença para significar nas primeiras letras do alfabeto, numa fácil memória.

«O Adolescente é o alvo primário deste alfabeto. É para ele que se cria toda uma arte de educar, isto é, de uma geração transmitir a outras as energias com que ela se desenvolva.

«Baden-Powell é a letra segunda, porque é o Homem que inventa, isto é, encontra o caminho, o instrumento e meios necessários.

«Temos no *Camping*, o Campismo, a terceira razão de ser desta obra. B. P. leva o adolescente ao campo para que no regresso à Natureza—num passo além de João Jacques Rousseau, que já o pressentia mas exagerou porventura—mantenha da Civilização o melhor, numa constante viagem de ida e volta, quase sem bagagem, como o ESCOTEIRO clássico das milícias portuguesas. Tão complexo na sua simplicidade é o método do *Scout* que poderia ir convosco até ao Z. Mas vamos ficar na quarta letra que nos fala de Desenvolvimento. Se o alvo da nossa acção é o Adolescente que a mãe nos confia, se o pensamento genial que encontramos é o general B. P. (e sua irmã Inês, que em 1910 o auxiliou a fundar o movimento das Guias); o Campo é ambiente ansiado para nele se desenvolverem as faculdades inatas dos rapazes e das raparigas, aquelas boas qualidades que, cultivadas, podem anular a influência das más». O Rev. Moreira referiu-se depois à fundação da União Cristã da Mocidade, em Lisboa em 1898 (no Porto no ano anterior) a cujo acto inaugural assistiu em rapazinho, instituição onde nasceu o Escotismo em Portugal em 1912. Citou os seus fundadores e acrescentou: «Havia quatro anos apenas que o Movimento nascera, pelo que se pode considerar este um dos movimentos estrangeiros que mais depressa nos visitou.

«Mas poder-se-á considerar estrangeiro o Escoteiro? Eu não o julgo assim. Há coisas que surgem em qualquer parte do mundo e que em nenhuma parte são exóticas, porque são humanas. Poderão necessitar de mais ou menos tempo para se adaptar nos seus trajos exteriores, digamos assim, mas se a essência é humana. Não é estrangeira em parte alguma.

«Assim é o Cristianismo, resposta a todo o problema humano. O Escotismo é de origem cristã pelo amor que o inspirou, mas responde aos anelos dum judeu, dum hindu ou dum islamita».

O orador referiu o espírito de fraternidade e de tolerância que anima o Escotismo, no ambiente fraterno que se vivia no Grupo e terminou depois de louvar o extraordinário exemplo de verdadeira fraternidade que os antigos escoteiros viveram nos últimos dias através dos diferentes actos comemorativos.

Depois da assistência entoar o hino «Sempre Fiéis», os Escoteiros recitaram em comum a Lei do Escoteiro.

A parénese foi feita pelo Rev. António Vieira da Silva, que tomando por tema a parábola dos talentos, exortou os escoteiros a, num espírito de fidelidade, diligenciarem servir e empregar os dons que Deus lhes concedeu. A oração, bem penetrada de espírito cristão e adequada ao auditório escoteiro, compenetrou todos os ouvintes de que só por uma vida vivida em amor e ao serviço de Deus será possível ouvir as palavras finais: *Bem está, servo bom e fiel, sobre o pouco foste fiel, sobre o muito te colocarei, entra no gozo do teu Senhor.*

As preces foram proferidas pelo Rev. Octávio Guedes Coelho, presidente do grupo n.º 8, e a oração de acção de graças pelo Rev. Eduardo Moreira, que no final lançou a bênção.

Dicionário de Sinónimos da Língua Portuguesa

Recebemos e agradecemos o primeiro fascículo desta obra, cuja utilidade e valor é desnecessário encarecer, pois é indispensável a todos que cultivam as letras, tratando-se da mais moderna obra de sinonímia publicada em Portugal.

Impressa em muito bom papel, o primeiro fascículo tem 160 páginas e chega até ao vocábulo «Branquejar». A obra será publicada em seis fascículos, devendo os pedidos ser dirigidos ao editor, A Tertúlia Edípica, na Rua de Arroios, 11 r/c, Lisboa 1.

UM PROBLEMA ORTOGRÁFICO ESCLARECIDO

O SIGNIFICADO DE "ESCOTEIRO"

A Sociedade de Língua Portuguesa, prestimosa instituição que visa a defesa e o estudo do idioma português, missão que tem cumprido com notável brilho, está publicando em fascículos, o Dicionário da Língua Portuguesa coordenado pelo sr. dr. José Pedro Machado, ilustre e competente professor. Trata-se de uma útil e muito completa publicação que, avaliando pelos dois volumes até agora publicados, virá a ser um dos mais completos dicionários de português. Pena é que a sistema adoptado de o oferecer aos sócios em anexo do seu Boletim mensal protele para época ainda distante o fim da publicação.

Recentemente saíram as primeiras páginas do terceiro volume, que insere as palavras «Escote», «Escoteiro» e seus derivados. Vamos transcrever aqui, porque se trata de uma opinião autorizada, o que se lê naquele dicionário, exceptuando aquilo que não tem interesse para o nosso caso.

Escote, *substantivo masculino.* (De origem germânica). Aquilo que compete a cada um pagar numa despesa comum; quota parte. (...)

Escoteirismo, *substantivo masculino.* Organização instituída por Baden-Powell em 1908 e que procura desenvolver nos seus membros, todos meninos ou adolescentes, o sentimento do dever cívico, e o desejo de se tornarem úteis ao próximo. // Qualquer organização nos moldes da procedente. // Condição *ou* estado de cada uma dessas organizações.

Escoteiro [1], *adjectivo,* (de *escote*). Que viaja à ligeira sem alforje nem equipagem. // Só, desacompanhado.

Escoteiro [2], *substantivo masculino.* Aquele que viaja sem bagagem nem alforjes, gastando por escote nas estalagens. // *Fig.* Sem o necesário, sem a bagagem precisa de conhecimentos. // O mesmo que *pioneiro.* Um dos dez indivíduos que ordinàriamente tripulam uma baleeira. // Cabo da extremidade inferior e traseira da vela. // Diferente, portanto, de *escuteiro.*

Escoteiro [3], *s. m.* (do inglês *scout*). Aquele que pertence ao escoteirismo.

Escotismo [1], *s. m.* (De *Escoto,* antr.), Seita *ou* doutrina de João Escoto, filósofo irlandês.

Escotismo [2], *s. m.* (do inglês *scout*). O mesmo que *escoteirismo.*

Escotista [1], *s. m.* (de *Escoto,* antr.). Partidário do escotismo, doutrina de Escoto.

Escotista [2], *s. m.* (de *Escote*). O mesmo que *escoteiro* [2].

Parece-nos, portanto, que a questão ortográfica está devidamente escalerecida. Estas conclusões concordam com aquelas a que chegámos por ocasião do inquérito por nós feito sobre este mesmo assunto. *ESCUTEIRO* é, pois, diferente de *ESCOTEIRO.*

HINO DA FRATERNAL DOS ANTIGOS ESCOTEIROS

Quem foi escoteiro sê-lo-á, constante,
Se o for do coração;
Saberá estimar o semelhante,
O vizinho, o irmão.

Irmão dos seres, numa nova idade
De luz, de amor veraz;
Vizinho de quem ama a lealdade
E quer viver em paz!

Fugindo de imitar a impostura,
E o que é estéril, vil,
Trocando o fel da vida por doçura
Que vence o meio hostil.

Amando a vida — no animal, na planta,
E em limpeza integral;
Mesmo onde for a impureza tanta,
Ter mãos livres do mal.

De guia e de lobito a caminheiro
Foi longo o caminhar...
Que os dias de ontem sejam um luzeiro
Para a outros guiar!

EDUARDO MOREIRA

Carta de Angola

O Escoteiro José Eduardo Oliveira Figueiredo, do Grupo 4, prestando serviço militar em Angola, escreve-nos daquela província e diz-nos:

Foi com imenso prazer que cá recebi o «Sempre Pronto». Há bastante tempo que desejava escrever-lhe para os felicitar pela iniciativa de enviar esse jornal para os Escoteiros a prestar serviço no Ultramar Português, pois além de nos pôr ao corrente dos factos de maior relevo do Movimento, nos prende a atenção com a sua leitura instrutiva.

O nosso companheiro aprecia depois alguns trabalhos publicados e demonstra o seu interesse pelo Movimento, que dedicadamente serviu. Agradecemos-lhe as suas palavras e recebemos sempre com muito prazer as notícias dos nossos irmãos-escoteiros ausentes do Continente ao serviço da pátria.

FILATELIA

Pág. 2

Emissões da Fraternal

A Fraternal, além da vinheta, editou também um sobrescrito de primeiro dia, que tem tido bastante interesse no meio filatélico.

A vinheta está sendo vendida a favor do S. M. U. da Região Centro.

Está também a ser elaborado um catálogo da exposição, que embora simples, será feito de molde a dignificar a iniciativa. Na própria vinheta será colocado o carimbo especial dos C. T. T. para a Exposição, cuja data definitiva não está ainda marcada.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

TEATRO ESCOTEIRO

"No Rumo da Lei"

PEÇA EM 2 ACTOS

POR LOBO VELHO

PERSONAGENS

Pai — O Sr. João de Sousa, homem de 40 anos.
Mãe — Uma senhora da mesma idade.
Carlos — Um rapaz de 16 anos.
Luís — Um rapaz de 17 anos.
Guia — Pedro, um rapaz de 17 anos.
Chefe — Um jovem de 20 a 30 anos.

Membros da Patrulha — Outros seis rapazes de idades variáveis de 14 a 16 anos.

2.º ACTO

(Continuação do n.º 203)

Mãe *(Está em cena, quando o pano abre, ocupada no arranjo da casa).*

Luís *(Entrando em casa, vindo da rua, com ar aborrecido)* — Boa tarde, minha mãe.

Mãe — Então conseguiste alguma coisa?

Luís — Estive na fábrica do sr. Cardoso, mas ele não precisa de empregado de escritório.

Mãe — É pena.

Luís — Ofereceu-me um lugar na oficina para aprendiz de serralheiro, mas vi lá os rapazes da minha idade a carregar com ferros, sujos dos pés à cabeça, disse-lhe que não queria.

Mãe — Talvez tivesses feito mal. Actualmente é melhor e de muito mais futuro um bom ofício, do que esses empregozitos de escritório.

Luís — Não gosto daquilo.

Mãe — O Carlos já arranjou trabalho. Saiu de manhã cedo. Levou um fato de ganga, mas não me quis dizer para onde ia. Deve ter ido para alguma oficina.

Luís — Isso é bom para ele que está habituado lá nos escoteiros a fazer *engenhocas* e anda sempre com ferramentas, já tem as mãos calejadas.

Mãe — O trabalho não fica mal a ninguém.

Luís — Pois não... *(sai contrariado para o interior).*

Mãe *(Continua ocupada na arrumação da casa, limpando o pó e falando para si em voz alta)* — Dois irmãos e dois feitios tão diferentes... Ambos bons. Mas um tão simples e humilde. Outro...

Pai *(entrando, vindo da rua, triste e moralmente abatido)* — Adeus, filha!

Mãe *(suspende o trabalho que estava fazendo e fita-o triste, mas carinhosa)* — Então?

Pai — Nada — não arranjei nada. Por toda a parte muito boas palavras, promessas, mas nada de positivo. Na Metalúrgica disseram-me que admitiram a semana passada um cobrador.

Mãe — Isto foi uma fatalidade...

Pai — Já ninguém dá trabalho a um homem da minha idade.

Mãe — Mas tu não és um velho!

Pai — Que me aproveita isso se eles só querem gente nova?

Mãe — Não percas a esperança! Havemos de conseguir alguma coisa.

Pai — E os rapazes?

Mãe — O Carlos saiu logo de manhã. Disse-me que ia trabalhar.

Pai — Para onde?

Mãe — Não me quis dizer. Perguntei-lhe umas poucas de vezes, mas a resposta foi dar-me um beijo e sair porta fora a cantarolar.

Pai — É um bom rapaz!

Mãe — Devia ter ido para alguma oficina, levou um fato de ganga.

Pai — E o Luís?

Mãe — O Luís saiu daqui já tarde. Foi à fábrica do sr. Cardoso, mas ele não tinha vaga no escritório.

Pai — Já esperava.

Mãe — Ofereceu-lhe um lugar de aprendiz de serralheiro, mas ele recusou.

Pai *(admirado)* — Porquê?

Mãe — Disse-me que não era bom para ele. Sempre me saiu um fidalgo!

Pai — Não o censures. O culpado fui eu. Dei-lhe uma educação de sociedade, mas não o preparei para as horas más da vida.

Mãe — Talvez tenhas razão!

(Continua no próximo número)

PROBLEMA POLICIAL N.º 10

O IMPERMEÁVEL ROUBADO

O sr. Sousa, chefe da secção de seguros do Banco, estava preocupado e aborrecido. Durante a saída para o almoço, desaparecera misteriosamente do bengaleiro o seu bom impermeável azul. Chovia torrencialmente e o sr. Sousa não podia sair porque, sofrendo de bronquite asmática, não devia apanhar chuva sem estar defendido com o seu impermeável de segurança.

O bengaleiro servia apenas os seis funcionários da secção, pessoas que ele considerava de confiança. Mas o impermeável desaparecera...

Resolveu por isso fazer polícia por conta própria. Foi interrogar o contínuo:

— Sr. Silva — disse ele — reparou quais foram os funcionários que saíram com impermeável à hora do almoço?

— Não, sr. Sousa. Não me encontrava aqui na altura. O sr. Director tinha-me chamado lá acima.

— E não reparou, de manhã, na roupa que estava no bengaleiro?

— Talvez. Olhe, estava uma gabardina de lã castanha; um impermeável preto de plástico; outro cinzento de *Nylon;* e um outro azul. Ninguém trouxe guarda-chuva. Não esperavam que chovesse muito!

O sr. Sousa resolveu aguardar a chegada do pessoal, tanto mais que continuava a chover torrencialmente. Quando se aproximou a hora para a entrada, a chuva tinha parado. O primeiro a aparecer foi sr. Lemos.

— Isto é que foi chover — disse ele — e depois estamos aqui num sítio onde não há transportes. Até lá abaixo foi apanhar água a fartar. O que vale é que a minha velha gabardina de lã lá se vai aguentando sem meter água.

Surgiu depois o sr. Ramos, vinha encharcado.

— Ó Ramos: Você está todo molhado. Não foi a casa?

— Não, não fui! Sem abrigo, fiquei ali no restaurante onde comi qualquer coisa.

Aproximava-se depois o sr. Mendes. O sr. Sousa meteu conversa:

— Então, muita chuva?

— Isto é que foi chover! Depois o impermeável está velhote, deixa passar água. Tive de mudar de roupa. Parece que o tempo está agora melhor.

Faltavam apenas dois funcionários. O Teixeira e o Montes. Chegavam juntos.

— Então como se deram com a chuva? — interrogou o Sousa.

— Eu safei-me — disse o Montes — esperei aqui um bocado e, quando chovia pouco, dei uma corrida, quase não apanhei nada. O casaco até já enxugou!

— Então não foi a casa?

— Os carros iam cheios, resolvi comer qualquer coisa no Bar ali perto.

— E você, Teixeira?

— Eu fui a casa. A roupa estava enxuta, mas tive de mudar de sapatos que estavam numa *sopa.*

* * *

O sr. Sousa estava verdadeiramente embaraçado. Custava-lhe desconfiar de qualquer funcionário. Mas o impermeável era de muito boa qualidade e de preço elevado. Meteu-se no seu gabinete a meditar nas conversas tidas. Mais tarde, mandou chamar um funcionário que lhe pareceu suspeito. Saberá o Leitor dizer-nos qual foi?

É bom saber...

A VORACIDADE DAS ANDORINHAS

Os naturalistas calculam que uma andorinha nova come, enquanto não pode sair do ninho, 200 insectos por dia; como o número de andorinhas em cada ninhada é de 4, em média, uma família destes pássaros destruirá cerca de 6 000 insectos por semana.

As andorinhas são dignas do nosso amor e da nossa gratidão visto que até destroem moscas que tantas doenças espalham. Na verdade, ninguém pode trabalhar mais por nós do que um pássaro que mata 200 insectos por dia.

"O escoteiro é bom para os animais e plantas„ porque eles são nossos bons amigos.

* * *

Bandeiras a meia-haste

É tradicional colocar as bandeiras a meia-haste em sinal de luto. A bandeira sobe primeiro até ao topo do mastro e desce depois até meia altura. Dizem que este hábito vem das antigas batalhas navais. O barco vencido descia a sua bandeira para que a do vencedor ficasse a flutuar acima da sua.

Hoje a bandeira a meia-haste é sinal de homenagem de luto.

ANEDOTAS

O chefe regional estava de visita a um grupo e perguntou a um escoteiro quantos anos tinha:

— 20 anos, chefe!

— Vinte anos?!

— Sim, chefe: 15 de idade e 5 de Escoteiro.

LOBO NEGRO

* * *

Um escoteiro acendia e apagava fósforos consecutivamente. O chefe reparando pergunta:

— Que estás a fazer?

— A treinar me.

— ?!

— Estou a treinar-me para acender a fogueira só com um fósforo.

LOBO NEGRO

* * *

O chefe instruindo primeiros socorros pergunta a pata tenra:

— Como salvas um homem que está prestes a morrer afogado?

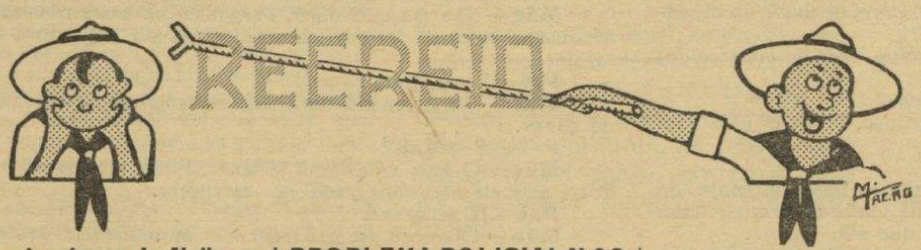
— É muito fácil: Primeiro tiro o homem fora da água e depois tiro a água fora do homem.

BOY'S WORLD—FILIPINAS

ENIGMA

A minha 1.ª letra está em *noite* e não em *dia;* a 2.ª em *uma* e não em *dez;* a 3.ª em *tio* e não em *mãe;* a 4.ª em *neto* e não em *pai;* a 5.ª em *ano* e não em *mês;* e a última em *fico* e não em *irei.* E no fim teremos uma época do ano.

RUI H. MACEDO



Soluções do número de Abril p. p.

DECAPITAÇÕES

Pregas
regas
egas
gás
as
s

PROBLEMA POLICIAL N.º 9

O suspeito foi o sobrinho da vítima porque mentiu. O mentiroso é sempre suspeito porque a verdade é simples e não carece de artifícios. Ora ele disse que saíra às 20 horas e 5 ou 10 minutos. Em Junho a essa hora é dia claro e ele afirmou que "estava muito escuro na rua„.

QUEBRA CABEÇAS

DO
DADO
DOAIRO
DICOTOMO
DIANTO
DIRO
DO

ANAGRAMAS

1 Elanuma
2 Aligadas
3 Adisama
4 Egadua
5 Ilinava
6 Siale
7 Anilata
8 Ilaban

Arrumar as letras de cada um destes nomes até encontrar oito nomes de mulher cujas iniciais, conservando a ordem dos anagramas, formem outro nome de mulher.

PALAVRA QUADRADA

VILA
ISIS
LIRA
ASAS